

Autora do sucesso de vendas *O Meu Cão Herói*

Megan Rix

A Casa dos Patudos



«Uma história
encantadora,
perfeita para quem
adora animais!»

LoveReading

*Nenhum ato de bondade,
por pequeno que seja, é em vão...*

ESOPHO



CAPÍTULO 1

Antes de ser enviado para a Casa dos Patudos, eu nem sabia bem se gostava de animais. A minha mãe, definitivamente, não gostava deles, porque dizia que eram porcos, espalhavam pelos por toda a alcatifa e lambiam os próprios rabos. O meu pai não gostava porque o faziam espirrar.

Nenhum dos meus amigos da escola tinha animais de estimação, a não ser o Omar, que tinha um gato. Mas ele escondia-se atrás do sofá ou debaixo da cama do Omar sempre que ia visitá-lo, o que era uma pena, porque eu passava a vida a ver vídeos engraçados no *YouTube* e estava desesperado por

gravar o meu próprio filme. Até criei um canal no *YouTube* para isso, para estar a postos quando o dia chegasse.

— É um facto triste — disse eu um dia ao Omar —, mas os animais não gostam de mim. Talvez cheire mal! — A minha mãe dizia sempre que eu não precisava de me afogar em spray desodorizante sempre que saía.

— Pois — riu-se o Omar. — Ou talvez os animais percebam que te deixam nervoso.

Fosse lá o que fosse, eu não tinha aquele jeito natural para os animais que algumas pessoas têm. Quando era pequenino, a nossa turma visitou o jardim zoológico de Edimburgo e um dos chimpanzés encostou-se ao vidro e enfiou o dedo do meio no nariz mesmo à minha frente.

— Que nojo! — exclamei, chocado. A minha mãe obrigou-me a usar luvas sem dedos durante semanas quando me apanhara a fazer aquilo.

Toda a gente à minha volta desatou a rir. Mas não teve piada. O chimpanzé já devia saber que não se mete o dedo no nariz em público.

— Acho que ele gosta de ti, Hamish — disse a professora Gregor, afagando-me a cabeça.

Fixei os olhos muito escuros e zangados do chimpanzé e não fiquei muito certo disso. Durante anos, sofri de pesadelos com aqueles olhos.

No ano passado, tentei imitar a expressão do chimpanzé para uma competição artística organizada pela Edimburgo Criativa para alunos nos primeiros anos da escola. Optei por não fazer uma pintura, mas antes uma escultura em *papier-mâché*. Esforcei-me imenso, mas sabia que não tinha apanhado muito bem o olhar do chimpanzé. Na minha memória, ele estava zangado, mas na minha escultura o olhar dele parecia triste.

Talvez deva chamar-lhe «Ansioso por Voltar à Selva», pensei, enquanto guardava cuidadosamente a escultura numa caixa de cartão para a levar para a Galeria Nacional Escocesa de Arte Moderna.

Eu queria ser pintor quando crescesse e fiquei mesmo contente, e espantado, quando o júri me deu o primeiro prémio. Até foi publicada uma fotografia minha com a minha escultura do chimpanzé de olhar desamparado no jornal *Scotsman*.

Aquele dia no zoo foi a vez em que passei mais tempo com animais antes de ir para a Casa dos Patudos. Se tivéssemos vivido no campo, talvez

tivesse sido diferente, mas vivemos num apartamento na Royal Mile, em Edimburgo, que não é o melhor ambiente para animais!

Além disso, com a exceção do meu quarto, tudo está decorado com um creme e branco imaculados. A minha mãe não gosta que haja nada fora do sítio. Faz-lhe dores de cabeça.

«Uma casa arrumada revela uma mente arrumada», está sempre a dizer. Ela, provavelmente, preferiria estender-se e morrer a viver na Casa dos Patudos. Os meus pais gerem o seu próprio negócio de design de interiores e são mesmo muito bons no que fazem. Têm de andar por todo o mundo a mostrar às pessoas o aspeto que devem ter os lugares e, às vezes, vou com eles e também fico em hotéis chiques.

Mas o verão em que começa esta história foi diferente.

Eles estavam de partida para o Japão, um dos países que eu mais gostaria de visitar.

— Desculpa, Hamish... — disse o pai.

— Temos uma agenda muito apertada... não podemos ter-te colado a nós e a atrapalhar — esclareceu a mãe.

Resisti a realçar que eles não se empenhavam propriamente em entreter-me quando estavam em casa.

— Eu não vos atrapalho — prometi, em desespero.

— Vamos estar o dia todo fora a reunir com clientes e ias chatear-te de morte — explicou-me o pai.

— Eu posso ajudar...

O pai olhou para a mãe e depois sacudiu a cabeça.

Devia ter percebido logo que não iam dar-me ouvidos. Isso praticamente nunca acontecia. Hamish: o filho invisível. O meu nome costumava ser abreviado para Mish, até o Omar me dizer que significava «não» em árabe.

— É como em *mish mumkin* ou «não é possível!» — rira-se ele.

Agora, ando a tentar mudar para Mishka, como o desenho do globo ocular do logotipo «Keep Watch» da marca de roupa *streetwear*.

Os meus pais começaram a falar ao mesmo tempo.

— Por isso, pedimos à minha irmã, a tua tia Helen... — explicou a mãe.

— Nem imaginas como foi difícil encontrar alguém disponível para... — acrescentou o pai.

A mãe lançou-lhe um dos seus olhares e ele fechou bem a boca.

— ... e ela disse que adoraria que a visitasses — concluiu a mãe.

A tia Helen era uma daquelas familiares de quem eu recebia todos os anos um postal de Natal e um de aniversário, mas que na verdade nunca via.

— Eu já alguma vez a vi? — perguntei.

A mãe riu-se de uma maneira fingida e esquisita.

— Claro. Malcolm, quando é que o Hamish viu a Helen pela última vez?

O pai franziu a testa.

— Talvez no casamento da prima Laura?

— Não, ela não foi a esse — disse a mãe.

— No funeral do teu pai?

— Sim... ela regressou a casa dele em Cullen Bay, de propósito.

Era escusado. Como é que haveria de lembrar-me de alguém que estive no funeral do meu avô, já lá iam quase dois anos? Eu mal conseguia ver alguma coisa que fosse através das minhas lágrimas.

— Bem, sem dúvida que foi ao batizado.

Olhei da minha mãe para o meu pai e suspirei. Eu tinha praticamente a certeza de que se referiam ao meu batizado.

— Mas nem sei como é a tia Helen — frisei.

— É muito parecida com a tua mãe — disse o pai. — Tem o mesmo glorioso cabelo ruivo. Não vais ter dificuldade em reconhecê-la na estação.

— Estação? — Saiu mais parecido com um guincho do que eu pretendia. Não imaginava que o plano deles para se livrarem de mim estivesse tão desenvolvido. Engoli em seco e baixei o tom de voz. — Qual estação?

— Strathcarron.

Já tinha ouvido falar vagamente, mas não consegui situá-la.

A mãe viu a minha expressão confusa e pareceu chateada.

— A tua geografia é uma lástima.

— Fica em Wester Ross, não muito longe de Lochmarron e Lochcarron — explicou o pai. — Um belo lugar.

— Strathcarron é a estação mais próxima do refúgio dela, que fica logo à entrada de Lochmarron — acrescentou a mãe.

— Refúgio? — questioneei, intrigado. A tia Helen geria uma quinta com *health club*? Ia haver massagistas e *jacuzzi*? Afinal de contas, talvez o verão não viesse a ser assim tão mau. Tratamentos grátis para familiares de visita, esperei eu. Talvez até um tratamento com lama! Dizem que nos deixa a pele incrivelmente macia.

— Vais ter de mudar de comboio em Inverness — avisou a mãe.

— Não te preocupes, deixamos-te na estação de Edimburgo Waverly a caminho do aeroporto — disse-me o pai.

— Quando? — perguntei.

— Amanhã.

— Amanhã?!

Quase nem dava tempo de comprar um roupão adequado para a quinta com *health club*. Deitei a mão à minha carteira.

— Onde é que vais? — perguntou-me a minha mãe quando me dirigi para a porta.

— Comprar uns calções de banho novos — respondi, por cima do ombro.

— Oh, não precisas de nada novo... — ia ela a dizer, enquanto eu abria a porta. — Não te esqueças

é de levar roupas quentes... e aquele camisolão que recebeste no Natal. Nas Terras Altas pode fazer muito frio!



CAPÍTULO 2

Muita gente acha que a Escócia é pequena, mas não é. Não conseguia parar de pensar como era enorme, selvagem e linda ao olhar pela janela.

O comboio subira pela região rural, levando-me para cada vez mais longe de Edimburgo e de toda a gente que eu conhecia. Ainda não conseguia acreditar que os meus pais tinham partido sem mim.

Inverness era a minha primeira paragem, três horas e meia depois de ter partido da estação de Edimburgo Waverley.

Assim que saí do comboio, vi uma banca de hambúrgueres e comprei um para mim com um pouco

do dinheiro que os meus pais me deram para me orientar. Já lá iam horas desde o pequeno-almoço e precisava mesmo de comer algo. Desembrulhei o hambúrguer enquanto olhava para cima para o quadro informativo. Onde estava Strathcarron? Não via em lado algum.

Abeirei-me de um funcionário da estação.

— Eu queria ir para Strathcarron — disse eu, desamparado.

— Tens de apanhar o comboio para Kyle of Lochalsh — explicou-me o funcionário da estação, apontando sobre a multidão. — Parte da Plataforma 7. Mas é melhor despachares-te, está quase a partir!

— Obrigado! — respondi por cima do ombro enquanto corria.

Centenas de viajantes pareciam meter-se de propósito no meu caminho e o meu saco de viagem embateu em mais de uma pessoa e quase caí sobre uma mala perdida ao correr pelo piso escorregadio. Mas o comboio ainda aguardava na plataforma e embarquei aos tropeções, quase sem ar. Não me ocorreu comprar uma bebida e agora só tinha um pedaço de hambúrguer seco e morno num pão.

Nem sequer tinha ketchup ou mostarda porque não quis arriscar-me a que pingasse nas minhas melhores calças de ganga.

O comboio pôs-se em marcha uns segundos mais tarde.

Era muito mais pequeno do que o de Edimburgo e ia cheio de turistas de visita às Terras Altas.

A minha perna direita estava esmagada contra a perna despida e peluda de um americano idoso que vestia um *kilt*. Cruzei as pernas para me esquivar.

— Estou de visita à minha terra ancestral — não parava ele de dizer a quem o ouvisse. — Se calhar, até vou tentar lançar o martelo nos Jogos das Terras Altas!

Também tentou falar comigo, mas, apesar de eu saber que era má educação, olhei pela janela em vez de responder. Havia muito para ver lá fora, incluindo cascatas e regatos ondulantes. Olhar para eles fazia-me sentir ainda mais sequioso. Engoli em seco. Montanhas para lá do rio. Uma manada de gado peludo das Terras Altas.

O homem do *kilt* adormeceu e começou a ressonar.

— Olha! — gritou, excitada, uma miudinha, apontando pela janela para um veado-vermelho que corria ao longe.

Uma ave de rapina voou no céu azul brilhante.

— Uma águia-real! — exclamou o americano, que despertara e agora esfregava os olhos.

— Águia turista! — disse um homem que seguia no lado oposto do corredor. — É um milhafre.



Duas horas e meia mais tarde, o comboio entrou vagorosamente na estação de Strathcarron e as pessoas embateram umas nas outras ao pegarem nas suas malas e sacos.

Eu já viajava há mais de seis horas e deixara para trás tudo o que conhecia antes das 9hoo desta manhã. Agora, passava das 15h30. Olhei pela janela para as montanhas ao longe.

Eu não estava com tanta pressa como os outros passageiros para sair do comboio. Na realidade, quanto mais nos aproximávamos, mais eu dava por mim a desejar que a viagem prosseguisse. Estava embalado pelo suave e rítmico trepidar do comboio.

Mas não podia permanecer para sempre a bordo. Havia *jacuzzis*, banhos e máscaras de lama à minha espera. Vesti rapidamente o meu casaco preto de couro e peguei no meu saco. Fui o último a sair do comboio.

Na plataforma, olhei em volta à procura de alguém que me aguardasse. Alguém parecido com a minha mãe.

Mas, afinal de contas, a tia Helen não se parecia nada com a minha mãe. Para começar, o comprido cabelo ruivo da tia Helen parecia estar a precisar de uma boa escovadela. O cabelo da mãe nunca, mas nunca, tem aquele aspeto. Ela não se atreveria. Todas as manhãs, é domado com uma escova e toneladas de laca. E ela teria dado aos necessitados os *jeans* rasgados e o top largo que a tia Helen usava.

— Hamish? — disse a mulher que eu calculei que fosse a tia Helen, aproximando-se de mim.

— Olá! Sou a tia Helen.

— É Mishka — afirmei eu.

— Desculpa? — Agora parecia baralhada, como se já não tivesse a certeza se eu era mesmo o rapaz certo.

— Eu chamo-me Hamish, mas gosto que me chamem Mishka, como o estilista de roupa *streetwear* urbana — expliquei de pronto.

— Oh, percebo! — disse ela. — Prazer em conhecer-te, Mishka.

Não se incomodou nada com a minha mudança de nome! Há imenso tempo que eu andava a tentar que me chamassem Mishka, mas nunca pegou.

Segui a tia Helen até ao seu carro, que estava estacionado na berma da estrada.

— Cá estamos — disse ela, abrindo a traseira para eu poder pôr lá a mala.

Eu não tinha pensado no tipo de carro que uma abastada dona de uma quinta com *health club* poderia conduzir, mas não esperava que fosse um jipe velho. Um jipe velho com um cheiro estranho, muito maltratado e a precisar de uma boa lavagem... por dentro e por fora!

— Desculpa lá o carro — disse ela. — É praticamente impossível mantê-lo limpo com os cães e os outros animais, que espalham lama e pelo por todo o lado.

— Cães? — engasguei-me. Os meus pais nunca me falaram de cães. — Quantos cães?

— Neste momento, há cinco no refúgio — respondeu a tia Helen, arrancando com o jipe.

— O Mackenzie, o Blue, a Darcy, a Violet e a Miss Lily. Mas, às vezes, tenho mais.

Mais do que cinco cães! Não o disse em voz alta para ela não pensar que eu era um idiota sempre a repetir tudo o que dizia. Mas eu não estava nada interessado em conhecer os cinco cães da tia Helen.

— Eles vão adorar-te — disse ela.

— Quem?

— Os cães, claro! São todos muito amistosos e uns verdadeiros cromos. Estou ansiosa que os conheças. — A tia Helen sorriu-me de uma forma calorosa.

Arrepiei-me ligeiramente ao pensar naquilo.

— Frio? — perguntou-me a tia Helen.

Abanei a cabeça.

— Deve ser complicado gerir uma quinta com *health club* e ter também um monte de cães para tratar — comentei. Aquilo não parecia combinar lá muito bem.

Será que as quintas com *health club* também oferecem tratamentos para cães e gatos? Com tratamentos de lama para cães e máscaras de peixe para gatos?

Até podia ser uma boa oportunidade de negócio. Comecei a pensar nos tipos de tratamentos que os donos poderiam querer para os seus animais de estimação. Os cães teriam uma piscina só para eles?

A tia Helen olhou fixamente para mim, o que não me pareceu nada boa ideia. Mão no volante e olhos na estrada, se faz favor!

— Tens razão. Suponho que de certa forma seja uma quinta com *health club* — disse ela devagarinho, devolvendo a atenção à estrada. — Embora, por norma, se chamem refúgios. É sem dúvida muito mais saudável para os animais que lá vivem do que onde viviam antes.

Agora, é a minha vez de ficar a olhar espedado para ela. Do que raio estava ela a falar?

— A maioria das pessoas chama-lhes refúgio para animais... — disse a tia Helen ao aperceber-se da minha expressão.

Fiquei de boca aberta.

— Então, não é... Quer dizer, não tem uma... Mas, e as massagens?

— Às vezes massajo os cães. O Blue adora-as e fica ali com aquele grande sorriso canino...

Olhei para a tia Helen, também ela com um grande sorriso estampado na cara.

Os cães conseguem mesmo sorrir?, pensei.

— Sempre que massajo o Mackenzie ele estende uma pata a pedir *mais, por favor* — prosseguiu. — Espero que todos os animais do refúgio gostem mesmo de massagens, e não só os cães... tal como as pessoas. É tão relaxante.

Lembrei-me dos fatos de banho que levei, apesar de os meus pais insistirem que não precisava deles. Que desperdício!

— *Jacuzzis?* — perguntei, em desespero.

A tia Helen abanou a cabeça.

Os meus sonhos estavam a descarrilar.

— Uma piscina?

— Há um lago para os patos. Há cada vez mais patos selvagens a aparecer e a nadar lá.

Estava a sentir-me ligeiramente enjoado, em parte devido às ruas estreitas e serpenteantes que percorríamos, mas principalmente devido ao facto de os meus pais me terem enganado. Eles por certo que já sabiam que o refúgio da tia Helen era para animais e não para as pessoas relaxarem. Deviam ter-me avisado! E tendo em conta o quanto odiavam

animais, deviam estar mesmo desesperados por se livrarem de mim para me enviarem para aqui. Voltei a sentir um calafrio.

A tia Helen continuava a falar, sempre sorridente.

— Estou em pulgas para que conheças todos os diferentes animais. São um bando muito simpático, cada um com muita personalidade. Só não percebo porque é que alguns dos seus donos não os queriam! Eu teria adorado ter um cão só meu quando era da tua idade, e a tua mãe também queria um. Mas a tua avó nunca teria deixado.

— A sério? — Não era capaz de imaginar a minha mãe com um cão. Não era capaz de a imaginar com qualquer animal de estimação.

— Eu nunca abandonaria um cão, nem qualquer animal. Como é que alguém pode fazê-lo? — prosseguiu a tia Helen, sem que eu percebesse se haveria de responder ou não. — Às vezes, acho que gosto mais de cães do que de pessoas!

Mas é claro que não podia estar a falar a sério. Ninguém podia gostar mais de cães do que de pessoas.

Por uns momentos, seguimos de carro em silêncio, comigo a olhar espedado pela janela, a pensar

no quanto os meus pais estariam perto do Japão. Tinham de voar de Edimburgo para Helsínquia e de Helsínquia para Tóquio.

No instante seguinte, apareceu a correr na estrada à nossa frente um cão enorme preto e acastanhado. A tia Helen travou fundo e guinou para o lado para não lhe bater.

O cão ficou parado no meio da estrada à nossa frente, com a sua grande língua dependurada, a olhar para nós.

— Ah! É o Homer — informou a tia Helen. — Às vezes aparece no refúgio... quase sempre à procura de comida.

Estavam três rapazes, mais ou menos da minha idade, parados na berma da estrada, junto a uma placa onde se lia «Bem-vindos a Lochmarron». Não lhes via bem as caras, por estarem a usar camisolas de capuz. Nas mãos, seguravam sprays de tinta e eu não pude evitar reparar que a placa estava cheia de tinta.

Adoro arte de rua e *graffiti*. Há gente muito hábil e talentosa a pintar a spray. Mas este trio sem dúvida que não estivera a tentar criar arte. Não havia uma ideia por detrás dos seus borrões de tinta; a placa estava um caos.

— Sai da frente, Homer, seu idiota — gritou o maior dos rapazes.

— Aquele rapaz é o Cyrus — disse a tia Helen. — O Homer é o cão dele... coitado.

O cão apanhou uma bola no meio da estrada, mas em vez de correr com ela sentou-se e desatou a lambê-la.

Apareceu um carro atrás de nós, que buzinou.

A tia Helen desligou o motor e desapertou o cinto de segurança...

— Anda cá, estúpido — disseram ao cão os outros dois rapazes.

— Aquele é o Donald, que prefere que lhe chamem Donut, e o outro é o Jamie, que prefere Jay — esclareceu a tia Helen, suspirando. — Na verdade, são bons miúdos, menos quando o Cyrus vem a casa para as férias. Deixam-se levar com facilidade.

O cão recolheu a sua bola e encaminhou-se calmamente para junto deles.

A tia Helen encolheu os ombros, voltou a prender o cinto e ligou de novo o motor.

Olhei para trás enquanto nos afastávamos, mesmo a tempo de ver o Cyrus a atirar a sua lata de tinta na direção do carro. Falhou por completo o alvo.

— Desculpa lá por eles — disse a tia Helen.
— Acham que são os donos da aldeia e que podem fazer o que lhes apetece.

— Parece que podem — comentei, ainda a olhar para trás.

O Cyrus apontava-me agora o dedo e gritava. Não consegui ouvir o que dizia, mas percebi bastante bem o gesto dele. Senti-me grato por seguir sentado em segurança dentro do carro e não lá fora.

A tia Helen continuou a conduzir estrada fora.

Quando temos amigos em perigo, descobrimos
que somos mais fortes do que pensávamos.
E aí tudo pode acontecer!



O Hamish é um rapazinho da cidade, habituado a uma vida confortável. Mas quando os pais lhe dizem que vai passar as férias na quinta da Tia Helen, que mal conhece, o Hamish fica em estado de choque.

Para um miúdo muito pouco habituado a animais, não é fácil ver-se no meio de tanta bicharada: uma data de cães, uns gatos fugidios, uma vaca, um bode e a sua amiga ovelha, patos, galinhas, uma tartaruga e até uma porquinha. E há medida que os dias passam, mais animais aparecem!

O Hamish percebe então que o refúgio para animais da tia Helen está em perigo, e que sustentar uma quinta enorme com tantos inquilinos é muito dispendioso. Talvez o Hamish tenha algumas ideias para salvar a Casa dos Patudos. Só que para isso, vai precisar da ajuda de todos os amigos. Será que vão conseguir?

Também
vais adorar
estes livros:



booksmite
livros que saltam à vista
20|20 editora

ISBN 978-989-707-789-0
10+
9 789897 077890

Literatura Juvenil